





POR RENÉ BRANT

SUPERMERCADO SOLIDARIO

COM A COMUNIDADE ENFRAQUECIDA,
ALDEÕES DESTEMIDOS DECIDIRAM
TRANSFORMAR A SITUAÇÃO. EIS COMO
RESOLVERAM: UMA TERÁPIA DE VAREJO!

Monique de Haan ajuda um freguês no caixa do supermercado De Gave Super (“O Superbacana”). Atenta e precisa, a moça de 19 anos lê o código de barra dos produtos. Do outro lado do corredor, na escada, Marga Homan arruma latas. De repente, a voluntária de 58 anos sente duas mãos ao lado do corpo. Um menino com síndrome de Down a levanta de brincadeira. Nos fundos da loja, ajoelhados, dois homens com deficiência mental põem garrafas na prateleira, uma a uma.

Quando Marga volta ao chão, decide ajudar Monique no caixa, pois a moça tem dificuldade com os números. Ela gosta quando a ajudam; sente-se mais segura.

Os fregueses não se surpreendem com nada disso. Afinal, o mais extraordinário nesse supermercado não são os funcionários; é sua existência.

A oeste de Groningen, na Holanda, numa região de lindas paisagens com estradas rurais curvilíneas, ruas estreitas de paralelepípedos e fazendas

verão nos bancos diante das casas. As pessoas se visitavam, tomavam café e conversavam. Todos se conheciam.

Mas os tempos mudaram. Muita gente chegou e saiu da aldeia e quase ninguém se cumprimentava, porque as pessoas não se conheciam mais. O merceiro já tinha ido embora, seguido pelo açougueiro, o encanador, o leiteiro. Quando a fábrica de aglomerado – principal empregadora da cidade – fechou, não havia mais onde ganhar dinheiro. O último moicano foi Johannes de Vries, que, contra todas as probabilidades, manteve aberto seu pequeno supermercado. Em 2000, ele teve de desistir da luta contra os concorrentes da cidade grande.

Assim, Oostwold se transformou num lugar sem alma, um dormitório.

Jannie Kootstra, frísia destemida, morou muitos anos com o marido em Groningen. Em 2000, começou a procurar um lugar verde e tranquilo para criar os filhos, de preferência a uma distância que lhe permitisse ir de bicicleta para o Centro Médico da

Moradores de Oostwold pareciam sedados. Jannie estava ansiosa para agir. “Algo devia ser feito, mas não sabia por onde começar.”

históricas, fica Oostwold: uma aldeia de conto de fadas, com uma igreja maravilhosa e belas árvores. É organizada, silenciosa, quase adormecida. As casas dos 652 aldeões formam uma sequência na Hoofdstraat, a sinuosa rua principal.

Oostwold já foi uma aldeia movimentada. Passavam-se as noites de

Universidade de Groningen, onde era pesquisadora de reabilitação.

– Fizemos um círculo no mapa em volta da cidade – conta Jannie, hoje com 46 anos. – Foi assim que descobrimos Oostwold.

A princípio, acharam muito entediante. Seria o lugar errado? Jannie

nascera numa aldeia pequena e aprendera a contribuir com a comunidade. Mas os habitantes de Oostwold pareciam sedados e ela, ansiosa para agir.

- Algo tinha de ser feito - diz ela -, mas eu não sabia por onde começar.

Ela teve a sorte de conhecer Derk Feenstra: nascido e criado em Oostwold, corretor de seguros e sempre em movimento, de rosto forte e olhos chamativos, pequenos e felizes, Derk planejava despertar a sonolenta comunidade. E procurava alguém, de preferência "de fora", para ajudar.

- Jannie era exatamente a pessoa certa, e concordou na mesma hora - recorda Derk, hoje com 65 anos.

Um dia, Derk, Jannie e uns 20 aldeões se reuniram no antigo centro comunitário para trocar ideias sobre o que precisavam. Ela gritou:

- Um supermercado. Não temos supermercado. Que tal?

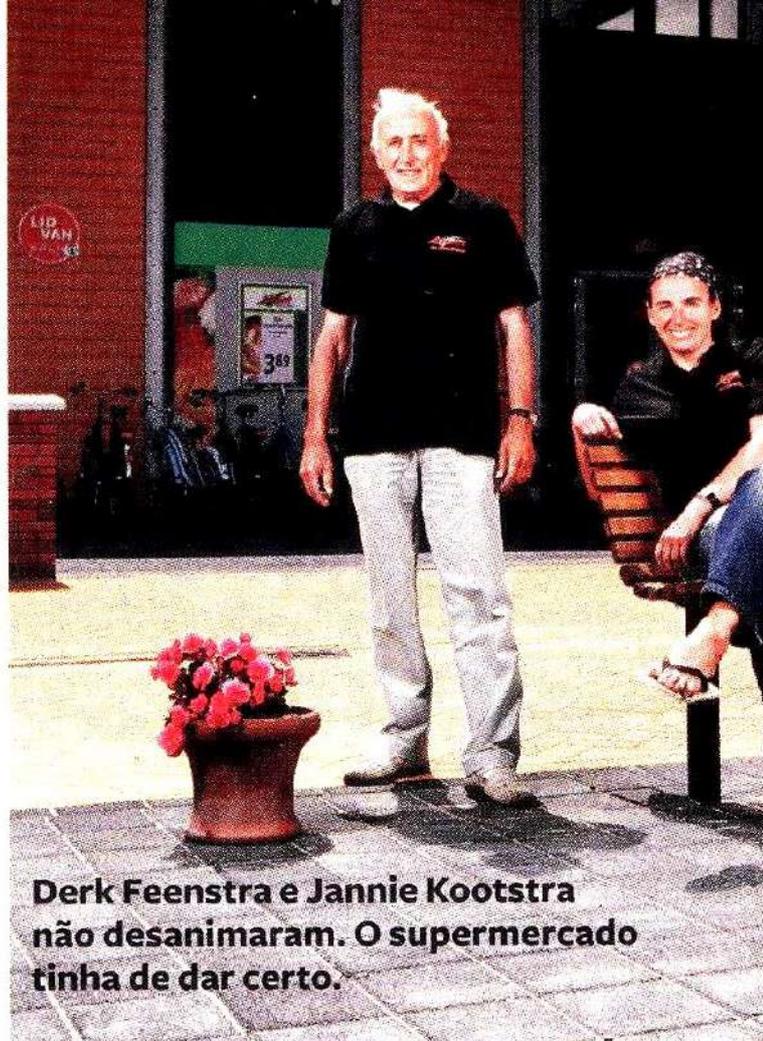
Derk a olhou, surpreso. Afinal, a loja anterior não fora bem-sucedida. Mas Jannie tinha razão: quanta gente ele ouvia se queixar, com saudades da loja?

- Teremos de garantir o apoio da aldeia inteira - respondeu Derk.

Decidiram organizar uma pesquisa entre os aldeões. Primeira pergunta: Do que o povo mais sentia falta na aldeia? A resposta foi rápida e praticamente unânime: um supermercado.

Isso ficou claro, mas e daí? Jannie e Derk decidiram convocar uma assembleia. Numa noite de verão, cerca de cem pessoas compareceram e havia muita confusão no salão principal.

- O que querem é maravilhoso, mas impraticável. Esta aldeia é pequena



Derk Feenstra e Jannie Kootstra não desanimaram. O supermercado tinha de dar certo.

demais para um supermercado - gritou alguém.

Jannie e Derk já esperavam por isso. Mas tinham a resposta. Se todos os aldeões se dispusessem a participar de uma cooperativa, em que todos seriam donos igualmente, a loja daria certo.

- Então todos farão compras lá, porque é do interesse de todos - disse Derk, tentando convencê-los.

Os dois também quiseram envolver os moradores de um lar próximo, De Zijlen, portadores de deficiência mental. Assim, eles atingiriam dois objetivos de uma vez: os moradores do lar se integrariam à sociedade e aprenderiam uma profissão, e o custo do supermercado seria mais baixo. Os aldeões tinham dúvidas. Jannie e Derk viram que era preciso ir mais fundo.

Numa fria noite de outono, cheios de animação, os dois começaram uma campanha na aldeia, pedindo pessoalmente a cada morador que entrasse na cooperativa. Foram bem-recebidos em quase toda parte. Mas, por fim, o grande problema se mostrou ser o dinheiro: todos queriam ter certeza de que recuperariam o investimento se a ideia não desse certo.

Foi um tremendo sucesso. Praticamente todas as 200 famílias da aldeia participaram. O pequeno empresário Kees Rozema, por exemplo, comprou cotas para si e para os funcionários. Algumas vezes, porém, receberam recusas. “Estou fora. Isso não vai dar certo”, ouviram. E não insistiam.

– No fundo, esperava convencê-los mais tarde. E foi o que fiz. Até hoje chega gente pedindo para entrar.

Esse entusiasmo inicial foi maravilhoso, mas agora era necessária uma ação decisiva. Onde ficaria o supermercado? E quem o administraria? A municipalidade de Leek, que inclui Oostwold e sete aldeias, era passiva. Afinal, diziam, já havia um ótimo supermercado em Leek, a 7 km de distância.

Mas Jannie e Derk mantiveram a pressão. Toda vez que a municipalidade dizia “sim, mas...”, eles contra-argumentavam. E quando descobriram o plano de reconstruir duas escolas em ruínas e combiná-las a um novo centro cultural com bar e ginásio esportivo num centro multifuncional, os dois



Até os habitantes mais novos da aldeia vão às compras no De Gave Super.

decidiram que era o lugar ideal para o supermercado. Aos poucos, a municipalidade percebeu que valia a pena.

Outra grande questão foi achar fornecedores e um grupo de supermercados que se dispusesse a emprestar o nome a uma lojinha do interior. “Não estamos interessados”, ouviram muitas vezes. Uma loja num povoado daqueles? De jeito nenhum!

– Isso nos chateou muito – diz Jannie. – Até que recebi um telefonema do Attent, que faz parte da rede Spar. “Nós aceitamos”, disseram.

Derk e Jannie ficaram radiantes.

– Fiquei tão feliz, surpreso e orgulhoso por termos conseguido – diz Derk. – Eles se impressionaram com a nossa perseverança e força de vontade contra todas as dificuldades e resolveram nos dar o benefício da dúvida...



Num terreno vago na Hoofdstraat, o prédio moderníssimo parece um navio encalhado. É abril de 2011, e a calçada ainda precisa ser refeita. Num canto fica o supermercado De Gave Super.

– É maravilhoso vocês terem conseguido. Eu teria desistido há muito tempo – diz uma mulher, na loja.

E outra completa:

– Agora aqui é o coração da aldeia. Vocês a trouxeram de volta à vida!

Jannie sorri quando Derk diz:

– Lembra quando não havia nada aqui? Naquela época, ninguém acreditava. Mas tudo mudou quando o chão se abriu para os alicerces. De repente, muita gente vinha ver o progresso da obra. E surgiu a fé: pode dar certo.

Jannie está aliviada e orgulhosa e fica ainda mais feliz ao ver que o orgulho se espalhou entre os outros aldeões.

– Agora temos um supermercado tão bonito que todos os moradores querem mostrá-lo a amigos e parentes. Oostwold se pôs no mapa de um jeito muito especial.

O De Gave Super não é um mercadinho: ele vende de tudo. Mas não há dinheiro para pagar funcionários. É por isso que ali trabalham sete pessoas com deficiência mental e 25 voluntários da aldeia. O gerente-geral Age Wynia, 69 anos, também é voluntário. Ele já tinha se aposentado quando lhe ofereceram o cargo por causa de sua experiência no ramo.

– Achei a iniciativa muito simpática e quis contribuir com a comunidade – diz ele. E adora. No antigo emprego, era famoso por ser exigente, mas agora aprendeu a ser mais tranquilo. Com um grande sorriso, ajuda e apoia sua equipe.

– Quem trabalha aqui é totalmente motivado – diz ele. – Claro que às vezes cometem erros, pois é a primeira vez que fazem isso. Mas quem trabalharia o dia inteiro como caixa sem cobrar? – Ele pensa e completa: – Esta é uma loja muito especial, com pessoas especiais num lugar especial.

Olhando com atenção, vemos algo extraordinário nas ruas. Agora não só as pessoas se cumprimentavam novamente como até sorriem. Oostwold voltou à vida.

– Conseguimos isso juntos – diz a voluntária Marga Homan. – Agora que temos a loja, ela é muito frequentada. Há quem venha aqui duas vezes por dia, só para trocar dois dedos de prosa. ■